

Figuras da Dança
HULDA BITTENCOURT



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA



SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA | FIGURAS DA DANÇA

Diretora artística da Cisne Negro Cia. de Dança, Hulda Bittencourt é artista acima de tudo. Sua personalidade forte e amorosa preserva a qualidade artística da Companhia e a qualidade de vida de cada um dos jovens bailarinos. Como uma matriarca faria numa grande família, é rigorosa, exigindo dos bailarinos disciplina em aulas e ensaios, cobrando responsabilidades que compartilham com os técnicos ao tomar conta de adereços, e, ao mesmo tempo, é afetuosa, oferecendo apoio a colegas nas coxias do teatro. Isso favorece o desenvolvimento de um trabalho em equipe e, por que não dizer, o amadurecimento do artista como pessoa, pois o treinamento diário dos bailarinos desde a infância os priva de certas experiências familiares.

Sempre atenta ao próximo contrato de um coreógrafo consagrado, Hulda é previdente ao convidar maestros de balé das mais variadas técnicas e estilos, oferecendo aulas que ampliam o vocabulário da Companhia. Ao voltar sua atenção para os nossos jo-

> *Cena de O Boi no Telhado, coreografia de Tindaro Silvano, 1994 (foto: Mila Petrillo)*

<< [capa] *Hulda Bittencourt (foto: Acervo pessoal)*

vens talentos, vai dando oportunidades a coreógrafos e figurinistas contemporâneos na composição de cada programa a estrear.

Todos usufruem seu extraordinário poder de discernimento, que – de tão rápido – parece até impulsividade. Mas foi essa característica de entusiasmo e confiança em suas decisões que levou a Companhia a mostrar, pelos palcos do mundo, a arte dos jovens e talentosos coreógrafos brasileiros. O dinamismo de Hulda contagia os jovens bailarinos, que não julgam sua ousada e impulsiva visão de futuro, pois afinal a realidade sempre revela que sua ágil decisão foi em tudo acertada – como quando pediu empréstimo de 30 mil dólares a um banco para pagar com o retorno de bilheteria da apresentação em Nova York. Acertou! A bilheteria não só veio cobrir todas as despesas, como resultou em convites para voltar nos dois anos seguintes, abrindo portas para os palcos da Europa e da África do Sul.

Não há receitas para levar uma companhia de dança in-dependen-te ao sucesso contínuo por mais de 30 anos. Há sim os tipos de personalidade, como a de Hulda Bittencourt, que, além da teimosia, da sensibilidade e da capacidade lapidadas pela experiência de uma vida, acreditam que vale a pena dedicar a vida à dança. Essa crença pressupõe generosidade de alma e estar convencida

de que, pela arte, vale encarar qualquer sacrifício, afinal a arte traz tanto prazer para quem faz como para quem usufrui.

Não poderia deixar de ressaltar o caráter de educadora de Hulda – configurado nas ações da Cisne Negro Cia. de Dança em encontros de crianças e jovens nas escolas ou em praças públicas da capital e do interior de São Paulo para a apresentação do espetáculo *Vem Dançar*. Comédia dançada que conta a história da dança no mundo, partindo dos salões do Rei Sol, de onde evoluiu a dança clássica, passeando pela revolução provocada por Isadora Duncan e chegando aos palcos modernos com a dança contemporânea. Estilos e técnicas diversos viajam da Europa aos Estados Unidos para, finalmente, terminar com uma dança cuja inspiração está nos ritmos regionais brasileiros, como frevo, maracatu etc. Aqui o Rei Sol se reencontra com sua Dama da Corte: a porta-bandeira. E o espetáculo se encerra com todos dançando ao ritmo das escolas de samba.

À excelência da gestão de educadora artística soma-se a gestão administrativa que divide com técnicos competentes e com a contribuição de bailarinos experientes. Juntos imprimem um selo de excelência à Companhia, pois onde há o olhar de quem entende a fundo dos quesitos que envolvem um espetáculo, como o teatro,

o palco, os figurinos, a reposição de maquiagem e outros, sempre há o palpite certo, na hora certa. Desse modo, nada passa despercebido. Essa excelência permite que haja continuidade e planejamento para nos brindar cada ano com o deleite das montagens de *O Quebra-Nozes* – única Companhia brasileira a representar esse clássico natalino. A renovação da história de Clara a cada ano está nas novidades tecnológicas a serviço da arte: anjos e ratos voando por sobre a plateia e um mago sempre poderoso para encantar as crianças que assistem ao espetáculo.

À excelente artista, educadora e administradora somam-se as qualidades de excelente amiga, extraordinária mãe e avó.

Por todo o exposto faz jus e honra o nome de Hulda Bittencourt estar nas páginas da História da Dança do Estado de São Paulo e da Dança do Brasil – pela representação que o Cisne Negro Cia. de Dança projetou de nossa arte pelos palcos além das fronteiras.

MONICA ALLENDE SERRA

Presidente da ONG Arte Sem Fronteiras

Cena de Além da Pele, coreografia de Patrick Delcroix, 1998 (foto: Reginaldo Azevedo) >

Reflexo do espelho, também de Patrick Delcroix, 2004 (foto: Reginaldo Azevedo) >>





Hulda Bittencourt

materializando o fogo da dança



É a centelha da dança que anima os mais variados corpos a entregarem-se ao compasso da música – cadenciando ritmo, movimento e pausa ao embalo de experimentações com o próprio organismo. Hulda Bittencourt dedica sua vida a promover a combustão dessa centelha, transmitindo o “fogo da dança” a alunos, bailarinos e público. Para tanto, aboliu fronteiras e levou a plasticidade mais longe. Construiu uma ponte entre a delicadeza das sapatilhas de pontas de suas bailarinas e a virilidade de homens atléticos. O resultado foi uma nova linguagem, em que o clássico conversa com o contemporâneo e o feminino encontra o masculino, na incorporação do pleno potencial expressivo de cada estrutura corporal.

Determinada, apaixonada e extremamente versátil, Hulda desafia categorias estanques. Ela já vivenciou a maioria dos papéis

no universo da dança, por onde transita com desenvoltura há mais de 50 anos: bailarina, professora, fundadora de escola e companhia de dança, coreógrafa, formadora de público e mantenedora de projetos sociais. Leão ascendente em leão, imprimiu o nome da Cisne Negro Cia. de Dança no cenário nacional e internacional – já excursionaram por 12 países, incluindo a exigente plateia de Nova York (de onde saíram consagrados pela crítica e pelo público), África do Sul, Cuba, Alemanha, Inglaterra, Espanha, entre outros. Assim como a ave peculiar, por onde passa, a Companhia chama a atenção pela mescla do novo e da tradição: o estilo contemporâneo tem sólida base na formação clássica; as trilhas sonoras vão de Igor Stravinsky (1882-1971) a Lenine; e os passos são criados por coreógrafos sempre diferentes. Por outro lado, o Estúdio de Ballet Cisne Negro completa 50 anos – recorde de longevidade para os padrões nacionais – como uma das maiores referências em formação de bailarinos.

Hulda nasceu em 28 de julho de 1934 em Santa Cruz do Rio Pardo, no interior de São Paulo, primogênita de uma família humilde. Aos 4 anos veio para a capital paulista, onde a família se instalou na Vila Madalena (região onde ela fincaria raízes). Seu nome foi uma homenagem à avó materna, alemã. Na criação tam-

bém havia influência da cultura italiana, local de origem da família do pai, o rigoroso Olívio Françaoso (1906-1980). Ele, que começou a vida na pauliceia como sapateiro e depois se tornou funcionário público, esperava que a filha mais velha tivesse um diploma e um bom emprego.

Mas as artes logo foram se insinuando, sedutoramente, à jovem. Ao longo da vida escolar, ela fez teatro, cantou e declamou poemas. Aos 12 anos, deslumbrou-se com os espetáculos de fim de ano promovidos por uma professora de danças do Liceu Eduardo Prado, onde cursou o ensino fundamental, especialmente quando assistiu à apresentação da bailarina Lia Marques – as piruetas e a leveza dos movimentos arrebataram o coração da menina, que a partir daquele momento resolveu que também queria flutuar pelos palcos sobre pontas. “Decidi que era aquilo que eu queria fazer.”

A participação nesses espetáculos do Liceu marcou o início de sua trajetória na dança. Mais tarde, satisfazendo a exigência paterna por um diploma, ocupou uma cadeira no curso normal do colégio Caetano de Campos. E, apesar de os ensinamentos virem a ser úteis nas classes de balé que ela daria, Hulda não hesitava em trocar as salas de aula pelas de cinema.

Foi por essa época, aos 17 anos, que ela encontrou sua grande mentora: a russa Maria Olenewa (1893-1965), mestra da técnica clássica. Matriculou-se em seu curso, apesar das dificuldades financeiras. No entanto, ela já estava em idade avançada para a formação em balé clássico. Para compensar era necessário estudar muito, e Hulda tinha garra e determinação. “Apesar das limitações, eu subia no palco e dava meu recado. Com a Olenewa, aprendi a amar a dança acima de tudo.”

Atuou nos espetáculos promovidos pela mestra e em operetas como *A Viúva Alegre*, de Franz Lehár (1870- 1948) – uma de suas favoritas até hoje. Durante cinco anos, dançou em programas de televisão na TV Tupi e nas Organizações Victor Costa. Essa atividade acabou apenas quando se casou com o engenheiro químico Edmundo Bittencourt em 1960, ciumento das participações televisivas. Excelente experiência, as lições de improvisação ficariam gravadas para sempre na sua memória.

Apesar da intolerância paterna com o *métier*, contou com o apoio incondicional da mãe, Maria Otilia Kühne França (1914-1996), que era costureira. De toda forma, Hulda precisava trabalhar,





e foi Olenewa quem a indicou para lecionar balé nas primeiras escolas, como o Conservatório Lafayette. Mais para a frente, passou a ensinar também em uma sala improvisada da residência paterna.

Curiosa e voraz, ela conciliou os estudos de oito anos com Olenewa a muitos outros cursos, com baluartes da técnica clássica e contemporânea, como Ismael Guiser (1927-2008), Raul Severo, Vera Kumpera e Mercedes Batista. Um parêntese: estudou no Centre de Danse Classique in Cannes, em 1981, fundado por Rosella Hightower (1920-2008), a grande mestra americana. Viveu momentos de medo e responsabilidade assistindo à aula da famosa professora. Uma bailarina se acidentou e Rosella foi levá-la ao hospital. “Você dá aulas de balé, sim? Por favor, assuma a classe!”, disse Rosella. Hulda atendeu ao pedido.

Os conhecimentos em dança voltaram-se à arte do ensino. Por sete anos, de 1955 a 1962, seguiu um expediente puxado, mas gratificante. Uma vez por semana ia a Taubaté (SP) dar aulas de balé na escola do Country Club da cidade. Entre os brotinhos célebres a quem comandava *pliés* e *arabesques* estava a cantora Celly Campello (1942-2003). Não se contentava com nada menos

do que o melhor para suas alunas. Transportava orquestras inteiras de ônibus para tocarem ao vivo nas apresentações, assim como maestros famosos como Ítalo Izzo. Até hoje, sempre que pode, prefere ter músicos tocando ao vivo nos espetáculos da Companhia.

Deixou o trabalho em Taubaté apenas quando engravidou da primeira filha, Giselle, em 1962. Transferiu sua escola para a nova residência, na rua dos Coropés, 301. Mas com a garra característica logo convenceu o dono de uma das distribuidoras da Bosch do Brasil a ceder duas salas de seu prédio, na rua Macunis, 520: ajudaria os novos talentos da dança financiando seis meses de aluguel. Insaciável por aprender, e em busca do melhor caminho de ensino, especializou-se na Royal Academy of Dance, da Inglaterra – viajava anualmente a Inglaterra para estudar, e em 1971 foi uma das primeiras brasileiras a formar-se pela RAD. O método é empregado até hoje no Estúdio de Ballet Cisne Negro.

A expertise ajudou quando nos idos de 1970 ocorreu uma grande reviravolta de estilo e de educação. A professora recebeu, com perplexidade, a visita de cerca de 12 homens de porte atlético, short, tênis e pernas peludas. Eram alunos da Faculdade de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP) que vinham pedir (e insistir) para aprender a dançar, por indicação do professor

Edson Claro – numa época em que uma série de tabus ainda cercava a presença masculina no palco.

Cada um deles tinha a musculatura talhada por uma diferente modalidade esportiva. De repente, Hulda viu-se às voltas com o enorme desafio de criar uma metodologia para fazer aqueles corpos viris, mas diversos em tudo, entrarem no compasso da dança, sem que tivessem experiência prévia no *métier*. Com sagacidade, ela logo vislumbrou as incríveis possibilidades: havia um sabor especial em retransmitir o “fogo da dança” àqueles homens dispostos e com a musculatura preparada para a prática esportiva. Encarou o desafio.

Juntou suas melhores bailarinas, o primeiro aluno homem, Marcio Rongetti, os atletas do basquete, do remo, da natação, do vôlei, etc. e começaram experimentando a técnica do clássico puro, passou a incluir movimentos mais fortes e conseguiu encontrar um caminho. Foi a própria Hulda quem elaborou a primeira coreografia, *Cenas Brasileiras* (1977). O vigor e o estilo contemporâneo desse espetáculo inauguraram uma nova linguagem, causando repercussão retumbante por todo o país. A tal ponto que decretou a abertura imediata da nova companhia de dança em 1977. Nascia a Cisne Negro Cia. de Dança.

O nome de batismo, que já causou muita polêmica em viagens, foi uma homenagem ao “cisne” do pas de deux mais longo de *O Lago dos Cisnes* (1895), coreografia de Marius Petipa (1818-1910). Segundo a diretora, uma empresária japonesa que coordenava a primeira turnê em Nova York exigiu que a companhia mudasse de nome, “talvez por racismo”. A diretora não arredou pé e acabaram sendo aceitos e consagrados como “cisnes negros”. Em uma excursão a Maputo, na África, perguntaram por que Cisne Negro? A resposta apressada de uma diplomata brasileira em uma coletiva de imprensa fez com que fossem estampadas manchetes nos jornais: “Cisne Negro, ave rara nos palcos”.

De toda forma, não fazia parte dos planos da educadora dirigir uma companhia. Mas, com a graça da espontaneidade, ela passou a desbravar também essa frente. Logo convidou mestres-coreógrafos para arquitetarem trabalhos para o grupo, que por sua formação heterogênea pedia novas soluções. Penha de Souza criou uma das primeiras, *Pulsacion* (1977), seguida por *maîtres* como Sônia Mota, Victor Navarro, Luis Arrieta e Neyde Rossi.



Ao longo do caminho, o idealista Edmundo, marido de Hulda, tornou-se o maior aliado para materializar o sonho dela. Ele vendeu sua fábrica de produtos químicos e investiu na construção da sede própria da escola e da Companhia. Em 1977, foi inaugurado o prédio da rua das Tabocas: era o primeiro da cidade dedicado exclusivamente à dança, com salas projetadas cuidadosamente para a altura certa de espelhos e piso. Visionário, ele chegou a iniciar a construção de um centro de formação para bailarinos em um sítio do município de Riacho Grande (SP), com teatro de 200 lugares, alojamentos, vestiários e galpões para figurinos. Infelizmente, Edmundo faleceu em 2004 antes de finalizar o projeto.

Símbolo do espírito fraterno que move o grupo, o prédio serviu por muito tempo como residência da família Bittencourt. As filhas, Giselle e Daniele, já nasceram “praticamente nas barras” das salas de aula. Dany dançou profissionalmente com a Companhia até os 34 anos e conciliou essa atividade com a de professora e assistente de coreógrafo. Hoje em dia, segue dando aulas, é ensaiadora dos bailarinos da Companhia e autora de quatro coreografias, entre as quais a consagrada *Anéis* (2003), com trilha sonora de Adriana Calcanhotto.

Giselle estudou administração de empresas, dançou balé clássico até engravidar do primeiro filho e também atuou como professora do Estúdio durante cinco anos. Por sugestão do pai, em 1983, começou a administrar uma confecção de roupas para balé e figurinos para a Companhia, que toca até hoje. Dez anos depois, acumulou também o cargo de administradora do Estúdio de Ballet, por onde hoje circulam 250 alunos, além de outras 200 crianças espalhadas pelas filiais para onde os professores do Cisne Negro são enviados – a ideia das “franquias” foi outra invenção do pai. O esmero também é marca do Estúdio: os espetáculos de fim de ano são pensados com a mesma seriedade dos da Companhia e Giselle coordena constantes viagens a festivais internacionais com as alunas adiantadas. Por triste ironia, apesar de a escola incentivar a entrada de meninos oferecendo até bolsas, o preconceito ainda ronda a classe média e alta: no momento, há apenas quatro meninos entre os alunos de até 12 anos.

Empenhada em educar e formar novo público, a diretora apresenta há dez anos o musical *Vem Dançar* em escolas públicas e para as mais variadas comunidades do Brasil. Durante as turnês da Companhia, aproveita as tardes para levar essa peça, que conta

a história da dança desde os tempos do rei Luís XIV até o hip hop. Foi outra invenção de Edmundo, pensada a princípio como um espetáculo itinerante sobre um caminhão-palco, que persiste até hoje.

Cumprindo o papel de cidadãos e educadores, hoje a companhia toca dois projetos sociais: Reciclando Sonhos, com patrocínio do Grupo Fleury, oferece oficinas de dança, teatro, música, coreografia, saúde e bem-estar – com a possibilidade de profissionalização nas áreas de iluminação, técnica de som e confecção de figurinos, entre outras; e os jovens de 14 a 16 anos de comunidades carentes da zona sul de São Paulo ainda acompanham de perto os bastidores dos espetáculos da Cisne Negro Cia. de Dança e utilizam materiais reciclados em sua própria apresentação de fim de ano. Em 2009, começa outro projeto social parecido, mas com as comunidades vizinhas à sede da Companhia e patrocínio da Monsanto.

Ao longo dos 32 anos de existência da Companhia, Hulda driblou dificuldades financeiras para mantê-la viva – num exemplo de garra apesar da falta de incentivo. Recordista, em 2008 o grupo apresentou 94 espetáculos. No mesmo ano, o natalino *O Quebra-Nozes* completou o 25º aniversário, firmando-se como uma tradição

do balé clássico na cidade de São Paulo. Com ecletismo, intensidade e respeito ao público, a Cisne Negro Cia. de Dança continua alçando o voo contemporâneo, mas com sólidas raízes na formação clássica.

Sob a cadência do piano que não para de embalar as aulas de balé do prédio da rua das Tabocas, Hulda divide-se em várias para dar conta da direção artística da Companhia. De sua sala no último andar do prédio, seleciona coreógrafos, músicos, cenários, figurinistas e está atenta ao andamento de tudo. Monitora as aulas e os ensaios pela televisão que retransmite imagens das salas. Com cabelos curtos, óculos de lentes coloridas e um colar com um grande crucifixo, movimenta-se para lá e para cá, articulando frases com firmeza. Ela se autodenomina exigente, com ela e com os outros, na busca pela “quase perfeição”. Mas a expressão mais recorrente em suas palavras é “o amor pela dança”. Incendiada por esse sentimento, ela cumpre a missão de repassá-lo a pessoas de todas as idades, físicos e nacionalidades, sem distinções.

Fabiana Caso



Hulda Bittencourt | Cronologia

1934 – Nasce no dia 28 de julho no interior do Estado de São Paulo, na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, com o nome Maria Hulda Françoso, filha de Olivio Françoso (1906-1980), funcionário público, e Maria Otilia Kühne Françoso (1914-1996), costureira. É a primogênita de quatro irmãos e única filha mulher.

1938 – Muda-se com seus pais para a cidade de São Paulo.

1941 – Estuda durante todo o Ginásio (1ª a 8ª série) no colégio Liceu Eduardo Prado. Na pré-adolescência é fígada pela dança, adorava as folclóricas e populares brasileiras. Posteriormente, apaixonou-se pela dança clássica e estuda com varias professoras.

1951 – Oficialmente inicia sua carreira de bailarina aos 17 anos, com Maria Olenewa (1906-1965), pioneira do balé clássico no Brasil, com quem estuda durante 8 anos. Olenewa fez despertar em Hulda o talento de educadora.

1952 – Forma-se no curso normal do Colégio Caetano de Campos na Praça da República, por exigência de seu pai, que não aprovava a sua carreira artística, curso esse que posteriormente muito a ajudou em sua didática com a dança.

1954 – Participa da opereta *A Viúva Alegre*, dirigida por Maria Olenewa, no Teatro Santana.

1955 – Dança com Maria Olenewa, viajando por cidades do interior de São Paulo. Ministra aulas de balé clássico, por indicação de Maria Olenewa, em Taubaté, no Country Club, sob a direção de Bruna Petrowsky. As aulas seguem até 1962.

1956 – Dança na tv Tupi, no programa *Música e Fantasia*, dirigido pelo produtor Theophilo de Barros Filho e mantido pelo Grupo Industrial Pignatari; e nos programas de dança com direção de Maria Pia Finnochio, durante 5 anos. Atua também em vários programas de tv das Organizações Victor Costa.

1957 – Dança no Ballet do Teatro Cultura Artística, com destaque para a coreografia *Cinderela*, de Susanna Faini. Ministra aulas de balé clássico no Conservatório Dramático e Musical Conselheiro Lafayette em São Paulo, entre outros.

1959 – Inicia sua própria escola Estúdio de Ballet Cisne Negro, na rua Purpurina, 162, na Vila Madalena.

1960 – Casa-se com o químico industrial Edmundo Bittencourt (1933-2004). Muda-se para a rua Coropé, 361, também na Vila Madalena, e dá continuidade ao seu trabalho.

1962 – Nasce sua filha Giselle.

1966 – Nasce sua filha Daniele.

1970 – Muda o Estúdio de Ballet Cisne Negro para a rua Macunis, 520, na Vila Madalena, no prédio da empresa Bosh, cedido por Erich Würzman, onde permanece por sete anos.

1971 – Forma-se no método de balé da Royal Academy of Dancing, recebendo seu diploma no Rio de Janeiro. Adota este método de ensino oficialmente no Estúdio de Ballet Cisne Negro.

Com a mãe e dois irmãos



Ao lado dos pais



Em 1956, com as alunas do Conservatório Lafayette



Nos anos 1960, na TV Organizações Vitor Costa



Hulda com alunas de Maria Olenewa



Com o pai e as filhas, em frente à antiga escola



1977 – Funda a Cisne Negro Cia. de Dança, em 1º de abril; a partir da necessidade de profissionalizar suas alunas, fez uma composição com jovens ginastas da Faculdade de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP). Inaugura em 13 de abril a sede atual da escola Estúdio de Ballet Cisne Negro, na Rua Tabocas, 55, prédio construído especialmente para Dança. Estréias da Companhia: *Cenas Brasileiras* e *Ragtime*, ambas de Hulda Bittencourt; *Pulsacion*, de Penha de Souza.

1979 – Estreias da Companhia: *Micaretas*, de Victor Navarro; *Antemanhã*, de Neyde Rossi-Carmel; *Amor... Amor*, de Penha de Souza; *Sexteto para 10 e Gente*, de Sônia Mota; *Del Verde al Amarillo*, de Victor Navarro. A Cisne Negro Cia. de Dança ganha o prêmio APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) na categoria Grupo de Dança Revelação.

1980 – Estreias da Companhia: *Primeira Oração*, de Luis Arrieta; *Elgar e Gadget*, de Victor Navarro.

1981 – Estreia da Companhia: *Quem Sabe um Dia*, de Sônia Mota.

1982 – Estreias da Companhia: *Encosta Pravesidá*, de Humberto Silva; *Tempo de Tango*, de Luis Arrieta; *Iribiri*, de Sônia Mota. Funda o Passo a Passo, grupo amador com objetivo de formação de base dos alunos do Estúdio de Ballet Cisne Negro para o palco.

1983 – Estreia da Companhia: *Do Homem ao Poeta*, de Luis Arrieta. Primeira apresentação do espetáculo natalino *O Quebra-Nozes*, composta pelos bailarinos do Cisne Negro Cia. de Dança, por integrantes selecionados do grupo amador Passo a Passo e por bailarinos profissionais convidados, com direção de Hulda Bittencourt, no Teatro São Pedro. Torna-se uma tradição do Cisne Negro, que há 25 anos apresenta o espetáculo

no mês de dezembro em São Paulo. *O Quebra-Nozes* é uma coreografia de repertório de Lev Ivanov (1834-1901) e música de Tchaikovsky (1840-1893).

1984 – Estreia da Companhia: *Juliana*, Carlos Moraes. Neste ano, a obra de repertório *O Quebra-Nozes* recebe o prêmio APCA nas categorias Melhor Espetáculo e Melhor Coreografia do Ano, com direção de Hulda Bittencourt.

1985 – Estreia da Companhia: *Destino*, de Luis Arrieta. Viaja para a primeira turnê internacional, apresentando espetáculos em Sevilha, na Espanha, e em Aberdeen, Na Escócia.

1986 – Estreia da Companhia: *Coppélia*, montagem de Tindaro Silvano, com os bailarinos convidados Fernando Bujones e Nora Esteves.

1987 – Estreias da Companhia: *Trindade*, de Luis Arrieta; *Huis Clos*, de Julio Lopes; *Hyberboreans*, de Fernando Bujones; *Homenagem*, de Tindaro Silvano.

1988 – Estreias da Companhia: *Prece*, de Janet Smith; *Sonatina*, de Janet Smith; *Sabiá* e *Keep-Going*, de Vasco Wellenkamp; *Bailantas*, de Ana Mondini; “D”, de Victor Navarro. A Cisne Negro Cia. de Dança ganha o prêmio APCA na categoria Melhor Grupo de Dança.

1989 – Estreias da Companhia: *Alma em Fogo*, de José Possi Neto e Ana Mondini; *Cânticos Místicos*, de Vasco Wellenkamp; *Cantata da Meia-Noite e Equinoxe*, de Gigi Caciuleanu. A companhia ganha o prêmio Concorrência Fiat e o prêmio APCA na categoria Destaque pelo conjunto de trabalhos realizados. Também é selecionado entre os dez melhores da década de 1980 pelo jornal *O Estado de S. Paulo*.

1971, diploma da Royal Academy



Em 1974, com alunas da escola



Inauguração da atual sede, 1977



Vera Lia, Natalia Makarova, Hulda, Merle Park e Rosemary Camila



Em Nova York, Yoko Morishita, Margot Fonteyn, Hulda, Graham Bart, Dalal Achcar e Fernando Bujones



Tatiana Leskova, Hulda e Boris Storjokov



Hulda ajuda bailarina nas coxias



1990 – Estreias da Companhia: *Othello*, de Peter Darrel; *Selva*, de Armando Duarte; *Shogun*, de Ivonice Satie.

1991 – Estreias da Companhia: *Valsa*, de Ana Mondini; *Mozartissimo*, de Gigi Caciuleanu; *Hi-Fi Bolerós*, de Ana Mondini.

1992 – Cria o *Clíp 15*, um espetáculo comemorativo dos 15 anos da Cisne Negro Cia. de Dança, com trechos do repertório histórico da Companhia. A Cisne Negro Cia. de Dança ganha o prêmio APCA na categoria Melhor Espetáculo com *Clíp 15*. Estreias da Companhia: *O Carnaval dos Animais*, de Gigi Caciuleanu; *Passacaglia*, de Vasco Wellenkamp.

1993 – Estreia da Companhia: *Segredo*, de Ana Mondini.

1994 – Estreias da Companhia: *Don Quixote*, música e adaptação coreográfica de Sergio Marshall, a partir da obra de Marius Petipa (1818- 1910); *O Boi no Telhado*, de Tindaro Silvano; *Players*, de Gigi Caciuleanu.

1995 – Estreias da Companhia: *Maracatu do Chico Rei e Sete por Sete*, de Mário Nascimento. A Cisne Negro Cia. de Dança ganha o prêmio Estímulo de Teatro e Dança concedido pela Funarte.

1996 – Estreia da Companhia: *A Viúva Alegre*, com adaptação de Wagner Alvarenga. Hulda ganha o prêmio Bandeirante como Personalidade do Ano em Dança, por seu trabalho como diretora artística da Cisne Negro Cia. de Dança.

1997 – Cria o *Clíp 20*, um espetáculo comemorativo dos 20 anos do Cisne Negro Cia. de Dança, de vários coreógrafos. O grupo ganha o prêmio APCA pelo conjunto de trabalhos apresentados nos 20 anos de existência com o espetáculo *Clíp 20*. Estreia da Companhia: *Impromptu*, de Tindaro Silvano.

1998 – Viaja em turnê internacional, apresentando espetáculos nos seguintes países: Inglaterra (Brigton), Alemanha – Internationales Tanzprojekt (diversas cidades), Uruguai (Montevideu), Argentina (Buenos Aires e diversas cidades), Estados Unidos (Nova York). Sua filha Dany assume as funções de diretora de ensaios, assistente de coreografia e ensaiadora da companhia. Estreias da Companhia: *Além da Pele*, de Patrick Delcroix; *Danses Concertantes*, de Mark Baldwin.

1999 – Estreia da Companhia: *Fruto da Terra*, de Itzik Galili.

2000 – Cria o musical *Vem Dançar*, pesquisa e direção de Cássia Navas, arranjos musicais Fabio Córdia, que conta a história da dança transitando pelas danças folclóricas e urbanas do Brasil. Apresenta-se em escolas particulares e públicas, praças, parques e estádios no Brasil. Estreia da Companhia: *Ícones*, de Mark Baldwin.

2001 – Estreias da Companhia: *Em Caso de...*, de Dany Bittencourt; *Trama*, de Rui Moreira.

2002 – Estreia da Companhia: *Cherché, Trouvé, Perdu*, de Patrick Delcroix. A Cisne Negro Cia. de Dança ganha o prêmio APCA na categoria Melhor Bailarina para Liris do Lago com o Especial 25 Anos da Companhia.

2003 – Monta adaptação da coreografia *La Fille Mal Gardée*, coreografia original de Jean Dauberval (1742-1806), com alunos do Estúdio de Ballet Cisne Negro. Estreias da Companhia: *Talvez Sonhar*, de Denise Namura e Michael Bugdahn; *Anéis*, de Dany Bittencourt.

2004 – Falece seu marido, Edmundo Bittencourt. Sua filha Giselle Bittencourt assume a função administrativa do Estúdio de Ballet Cisne Negro. Estreia da Companhia: *Reflexo do Espelho*, de Patrick Delcroix.

Giselle, Hulda e Dany

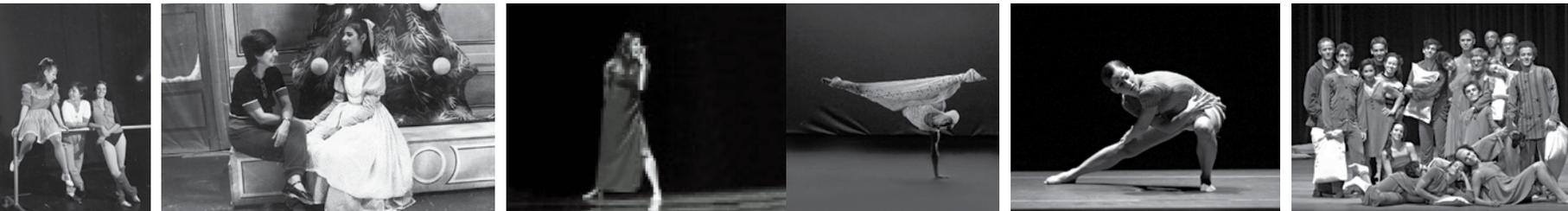
Hulda e Dany, em 1983, estreia de *O Quebra-Nozes*

Cantos Místicos, de Vasco Wellenkamp, 1989

Cena de Trama, 2001 de Rui Moreira

Cherché, Trouvé, Perdu, 2002, de Patrick Delcroix

Elenco de *Talvez Sonhar* e Hulda, 2003



2004 a 2006 – Viaja em turnê internacional, apresentando espetáculos nos seguintes países: África do Sul (Pretória e Durban), Argentina (Posadas e Buenos Aires), Moçambique (Maputo), Paraguai (Assunção), Estados Unidos (Miami e Nova York), Alemanha (Ludwigshafen), Chile (Temuco), Cuba (Cien Fuegos e Havana).

2005 – Estreias da Companhia: *Dom Quixote e Sancho Pança Viajando pela Dança*, de Dany Bittencourt; *C/ Cordas*, de Rui Moreira.

2006 – Estreias da Companhia: *Atmosferas*, de Dany Bittencourt; *Trilhas*, de Antonio Gomes.

2007 – Lançamento do livro *Cisne Negro Cia. de Dança 30 Anos de Dança*, organizado por Cassia Navas, em comemoração aos 30 anos da Companhia. Estreias da Companhia: *Revoada e 1, 2...7*, coreografias de Gigi Caciuleanu.

2008 – Implantação do projeto social da Cisne Negro Cia. de Dança, *Reciclando Sonhos*, com patrocínio do Grupo Fleury e parceria com o Centro Assistencial Cruz de Malta, localizado na zona sul de São Paulo, onde 40 jovens de 12 a 16 anos frequentam oficinas de dança, música, teatro, cenografia, meio ambiente e cidadania. Comemora, no Teatro Alfa, a 25ª edição do espetáculo Natalino *O Quebra-Nozes*, com exposição de fotos celebrando essa trajetória. Estreias da Companhia: *Por Que...*, de Ismael Guiser, e *Sintonize!*, de Pieter de Ruyter e Eva Villanueva.

2009 – Implantação do segundo projeto social da Cisne Negro Cia. de Dança, *Caminhos da Arte*, com patrocínio da Monsanto, tendo como área de atuação a Vila Beatriz e a circunvizinhança. Trata-se de um projeto de complementação escolar, de arte-educação, abordando temas como coleta seletiva de lixo e reciclagem, preservação ambiental, mobilização corporal e cidadania e o despertar para profissões dentro das artes cênicas (dança, cenografia, iluminação, sonorização, figurinos, designer gráfico, adereços, entre outros).

cronologia por Carina Teixeira Arantes



SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

Em janeiro de 2008, foi criada a São Paulo Companhia de Dança, primeira companhia subsidiada pelo Estado, um antigo desejo da classe. A equipe tem à frente duas importantes personalidades da dança brasileira, Iracity Cardoso, com um currículo que inclui passagens por companhias mundialmente renomadas de Portugal, Suíça, França e Alemanha, além de um relevante papel na construção da dança nacional, e Inês Bogéa, ex-bailarina do Grupo Corpo e crítica de dança da *Folha de S.Paulo*, que contribuiu para o registro teórico e histórico da dança no Brasil através da produção de textos, documentários e livros, além do envolvimento em projetos como o Dança Comunidade, com Ivaldo Bertazzo.

A São Paulo Companhia de Dança, desde sua criação, atua em três vertentes: difusão (produção e circulação de espetáculos), formação (educativo) e registro e memória. Cada uma dessas áreas amplia e repercute as obras e as atividades da instituição, com o intuito de formar plateias e disseminar o papel educativo e sensibilizador da arte, além de estimular a reflexão sobre a dança.

FIGURAS DA DANÇA

O projeto revisita a carreira de artistas que ajudaram a moldar a história da dança no Brasil. Ao lado de material iconográfico e outros registros audiovisuais, *Figuras da Dança* apresenta o artista por ele mesmo, em diálogo público com interlocutores convidados, gravados no Teatro Franco Zampari e posteriormente transformados em documentários exibidos pela tv Cultura.

Em seu primeiro ano, a Companhia produziu, em parceria com a Fundação Padre Anchieta e a Pipoca CineVídeo, cinco documentários partindo de depoimentos públicos de artistas emblemáticos da dança paulista: Ivonice Satie (1950-2008), Ady Addor, Ismael Guiser (1927-2008), Marilena Ansaldi e Penha de Souza.

Nesta segunda temporada, ao lado da Fundação Padre Anchieta e da Miração Filmes, a carreira de outros cinco nomes importantes para a dança brasileira será evidenciada: Ruth Rachou, Hulda Bittencourt, Luis Arrieta, Tatiana Leskova e Antonio Carlos Cardoso. Além de difundir a história da dança para o grande público, a série é distribuída a escolas, universidades, instituições culturais e bibliotecas, servindo como material de referência sobre a trajetória dos artistas.



Figuras da Dança
HULDA BITTENCOURT
Teatro Franco Zampari
São Paulo, julho de 2008.

DEPOIMENTO PÚBLICO

Concepção Projeto Figuras da Dança
Iracity Cardoso e Inês Bogéa

Coordenação e Apresentação
Inês Bogéa

Depoimentos de
Giselle Bittencourt, Inês Martins de Vasconcellos, José Possi Neto, Marco Aurélio Nunes, Monica Allende Serra

Direção do vídeo projetado
Inês Bogéa

Direção de captação
Sergio Roizenblit

Edição do vídeo projetado
Charles Lima

Imagens
Acervo pessoal Hulda Bittencourt e Centro de Documentação/ Fundação Padre Anchieta, Centro de Documentação e Memória (CDM) do Teatro Alfa

Captação e Finalização
tv Cultura | Fundação Padre Anchieta e Miração Filmes

Produção
Alexandra Itacarambi, Lina Murano e Marília Alvarez

Agradecimentos
Geneffer Fogatti, Lorena Merlino e Centro de Documentação e Memória do Teatro Alfa

FOLDER

Projeto gráfico Mayumi Okuyama
Pesquisa

Inês Bogéa, Carina Teixeira Arantes e Alexandre Itacarambi

Fotografias cronologia
Acervo pessoal Hulda Bittencourt e Reginaldo Azevedo

** Todos os esforços foram feitos para se identificar a autoria das fotografias publicadas aqui. Caso reconheça a autoria de quaisquer das imagens não creditadas, por favor, contate-nos pelo e-mail comunicacao@saopaulocompanhiadedanca. art.br.

* Na cronologia, optamos por listar nomes, datas e outros dados de acordo com os registros escritos encontrados durante a pesquisa, mesmo correndo o risco de algumas ausências.



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA

DIREÇÃO

Iracity Cardoso
Inês Bogéa

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Coordenação de Produção e Turnê
Luca Baldovino

Produtora executiva
Mirtes Mesquita

Produtoras
Sandra Lacal e Stela Leite

Assistente de produção
Elaine Galvão

EQUIPE DE COMUNICAÇÃO, EDUCATIVO E MEMÓRIA
Coordenadora Flávia Fontes Oliveira
Comunicação Marcela Benvegnu
Audiovisual Charles Lima
Relações-públicas Franceschina Vilardo
Assistentes de produção
André Lucena e Renata Amaral
Arquivista Arani Arduini

EQUIPE ADMINISTRATIVA
Coordenadora administrativo-financeira
Sílvia Kawata
Assessora financeira Mônica Takeda
Assessora administrativa
Cristiane de Oliveira Aureliano
Assistente financeiro
Eduardo Bernardes da Silva
Assistentes administrativo
Marli Bispo de Oliveira e Bismarque Muniz
Auxiliar administrativo Rosely Lima
Secretária da diretoria Zélia Góes
Recepcionista Edileusa Lopes Gomes

COLABORADORES

Assessora de comunicação
Marcy Junqueira
Designer Mayumi Okuyama
Consultoria jurídica Maciel, Fernandes e Basso Advogados e Hanna, Falavigna, Mannrich, Senra e Vasconcelos Advogados
Contratos internacionais
Olivieri & Signorelli Advocacia
Website Estúdio F.O.M.A.
Revisão de textos Daniela Lima

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

José Serra
Governador do Estado
João Sayad
Secretário de Estado da Cultura

Ronaldo Bianchi
Secretário-adjunto
Sergio Tiezzi
Chefe de Gabinete

Carla Almeida Carvalho
Coordenadora da Unidade de Formação Cultural

ASSAOC | ASSOCIAÇÃO AMIGOS DAS OFICINAS CULTURAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Lorenzo Mammi
Diretor Executivo

FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA

Jorge da Cunha Lima
Presidente do Conselho Curador da FPA
Paulo Markun
Presidente

Carlos Wagner La-Bella
Diretor de Prestação de Serviços, Produção Independente e Documentários

Marcelo Amiky
Diretor de Produção

Cícero Feltrin
Diretor de Captação e Marketing

SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

Iracity Cardoso
Diretora

Inês Bogéa
Diretora



REALIZAÇÃO

 **GOVERNO DE
SÃO PAULO**

ASSAC
ASSOCIAÇÃO AMIGOS DAS DIVERSAS
CULTURAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

PRODUÇÃO


MIRACÃO


SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA


FUNDAÇÃO
PADRE ANCHIETA